



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas. Unifal-MG
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 714 – Alfenas/MG – CEP 37130-000
Fone: (35) 3299-1000 . Fax: (35) 3299-1063



MAYARA CRISTINA SILVA

**A ‘Ética protestante’ de Max Weber e o seu lugar em sua Sociologia da
Religião**

ALFENAS/MG
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas. Unifal-MG
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 714 – Alfenas/MG – CEP 37130-000
Fone: (35) 3299-1000 . Fax: (35) 3299-1063



A ‘Ética protestante’ de Max Weber e o seu lugar em sua Sociologia da Religião

Artigo apresentado á disciplina TCC II como requisito para obtenção do título de Bacharel, pelo curso de Ciências Sociais (modalidade bacharelado) da UNIFAL-MG.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Cid Gigante

ALFENAS/MG
2017

AGRADECIMENTOS:

Agradeço primeiramente a Deus que até aqui me sustentou.

Agradeço a todos meus familiares, principalmente aos meus pais, Becho e Maria, que foram os meus maiores incentivadores durante toda a graduação, dando todo o suporte e amor. Obrigada por terem me ajudado a passar pelas crises que o processo de desconstrução trouxe consigo e, também por serem meus primeiros professores.

Agradeço ao Paulo Henrique por ser meu companheiro em todos os momentos, sejam eles alegres ou não.

Agradeço a todos os amigos e aos irmãos de caminhada do Grupo de Oração Adoradores do Rei, cada um sabe sua importância e o quanto foram e são fundamentais na minha trajetória.

Agradeço aos colegas de curso, em especial a Livia e a Paloma por serem fontes de alegria e de coragem nos dias nublados.

Por fim, agradeço a todos os professores que tanto me ensinaram, em especial, ao Lucas, meu orientador, por toda a paciência e colaboração na minha formação acadêmica.

A 'Ética protestante' de Max Weber e o seu lugar em sua Sociologia da Religião

Mayara Cristina Silva. Graduanda do décimo período de Ciências Sociais na UNIFAL-MG.
E-mail: cristinamayara70@gmail.com

Prof. Dr. Lucas Cid Gigante. Docente do ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras) da
UNIFAL-MG. E-mail: lucascidgigante@hotmail.com

A ‘Ética protestante’ de Max Weber e o seu lugar em sua Sociologia da Religião

1. Resumo

Levando em consideração que “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo” é a obra mais conhecida de Max Weber, o presente artigo tem como objetivo mapear as principais discussões que giram em torno da articulação entre filiação religiosa e conduta econômica, a qual Weber se dedicou por anos. Ainda tem como objetivo apresentar introdutoriamente o lugar da obra em sua Sociologia da Religião, marcada, entre outras dimensões, pela sistematização da relação entre classes e estamentos na apropriação de religiões específicas e pela relação entre as necessidades salvíficas e o modo como influenciam a conduta de vida dos indivíduos.

Palavras chave: Max Weber; Ética Protestante; Espírito do capitalismo; Sociologia da Religião; Conduta de Vida.

Abstract

Taking into account that "The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism" is Max Weber's best known work, this article aims to map the main discussions that revolve around the articulation between religious affiliation and economic conduct, which Weber has been dedicated for years. In addition, it aims to introduce the place of the work in his Sociology of Religion, a study that was later developed by him, systematizing the relation between classes and estates in the appropriation of specific religions, and emphasizing the relationship between the salvific needs and the way it influences the conduct of life of individuals.

Key words: Max Weber, Protestant Ethic; Spirit of Capitalism; Sociology of Religion; conduct of life

Introdução:

Quando se propõe analisar as conjunturas sociais e a influência da vida religiosa no cotidiano dos indivíduos, se torna interessante o estudo da obra de Weber dedicada ao tema. Sua Sociologia da Religião é extremamente significativa para as Ciências Sociais, e, embora suas teorias tenham sido filhas de seu tempo, são, ainda hoje, satisfatoriamente atuais.

Este trabalho tem como objetivo analisar de forma introdutória a obra “A ética protestante e o “espírito” do Capitalismo”. Tentaremos assimilar e compreender a importância deste estudo na Sociologia da Religião de Weber e, por fim, fazer uma contraposição da ética protestante encontrada em Weber e a ética neopentecostal que permeia a vida de Carlos, apresentada por Emerson Rocha e Roberto Torres em um fragmento de “A ralé brasileira”. (SOUZA, et al, 2009).

A ética protestante e o “espírito” do Capitalismo, obra publicada em duas edições, sendo a primeira entre 1904-1905 e a segunda em 1920, pode ser considerada como a mais conhecida de Max Weber e também, segundo muitos, uma obra que é ainda hoje é muito mal compreendida.

Sendo assim, devemos seguir a instrução de Pierucci (2004) que afirma que um dos maiores equívocos referentes à obra em questão é a tentativa de fazer dela uma compreensão do capitalismo como um sistema econômico. Para Pierucci, o que deve ser destacado na obra é “o capitalismo enquanto “espírito”, isto é, cultura – o capitalismo vivenciado pelas pessoas na condução metódica da vida de todo dia. O “espírito” do capitalismo como conduta de vida.” (WEBER, 2004, p.7)

Weber, que se opunha ao materialismo marxista, tinha por objetivo focalizar as imagens e visões sociais do mundo presentes no capitalismo, buscando desvendar o “espírito” deste sistema econômico, as influências sociais e histórias que permitiram sua expansão e solidificação. Logo, sua investigação segue em direção ao fenômeno da “ética ascética do protestantismo puritano como berço da cultura ocidental moderna” (Ibid, p.7)

Desta forma, podemos nos questionar: a que devemos atribuir a relação entre a ética protestante e o “espírito” do capitalismo? Em quais condições esse fenômeno se desenvolveu, segundo a perspectiva de Max Weber?

Segundo ele, as condições para tal relação se formaram através de um complexo de conexões que associavam a atribuição da confissão religiosa à determinada estratificação social. Embora a obra se desdobre apenas sobre a ética protestante, tais argumentações vão se esclarecendo nos ensaios que foram reunidos após a sua morte.

Durante sua investigação, Weber procura encontrar a base de mundo da burguesia nascente, isto é, encontrar na sociedade emergente as formas de condução políticas, econômicas, rastreando o modo de viver desta camada social, que se distinguia das outras sociedades.

O que nos interessa aqui é que havia, para Weber, nos países pluriconfessionais, um caráter predominante protestante do capital e dos empresários. Ou seja, presença acentuada dos protestantes nas camadas superiores e na qualificação técnica e comercial das empresas modernas, frente a uma propensão de ordem espiritual e educacional dos protestantes acéticos à atividade econômica.

Essa condição real seria para Weber, o caráter particular de uma nova classe média burguesa emergente, condição essa que não era encontrada na conduta de vida do católico, por exemplo, que era propenso em permanecer no artesanato.

O fato dos protestantes assumirem os níveis superiores do operariado qualificado e dos postos administrativos era algo que Weber averiguou como inculcado pela educação.

A adesão à confissão religiosa era conduzida pela educação que, mais adiante, influenciava na escolha profissional, proporcionando assim um controle maior da vida dos protestantes, ao ponto de predispor-los ao racionalismo econômico. Isto é, de acordo com Weber, as estatísticas apontavam que as profissões mais próximas da burguesia eram aquelas que também estavam mais próximas das igrejas reformadas.

Nas palavras do próprio Weber,

A relação de causalidade repousava sem dúvida no fato de que a peculiaridade espiritual inculcada pela educação, e aqui vale dizer, a direção conferida à educação pela atmosfera religiosa da região de origem e da casa paterna, determinou a escolha da profissão e subseqüente destino profissional. (Ibid, p.33)

Considerando que a esfera espiritual favorece os rumos educacionais, pode-se dizer que, em certa medida, a fé era um meio de justificar a conduta de vida e a sua participação na vida econômica moderna.

A partir da reforma o protestante ascético passa a enfrentar o mundo, não como um estado contemplativo, mas sim de modo ativo, buscando, através dele, encontrar alívio para as suas necessidades salvíficas através da justificação do conceito de *Beruf* (vocação e profissão) introduzido por Lutero e mais tarde aprimorado e empregado com maior precisão por Calvino.

Beruf em sua conotação religiosa era entendido como uma missão ou chamamento feito por Deus. Em sua conotação, analisava-se uma coisa totalmente nova: “uma valorização

do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a autorrealização moral é capaz de assumir”, (Ibid, p.72)

Passa a reconhecer, através deste conceito, que

o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantar a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna a sua “vocação profissional (Ibid. p.72)

A vocação, tida como uma valorização do que o indivíduo faz da própria profissão, se torna um meio de agir sobre o mundo a fim de engrandecer a Deus e apenas isso, no qual o ser humano deveria se sujeitar e aceitar de bom grado como designo de Deus.

Embora Weber faça uma análise de todos os portadores históricos do protestantismo ascético (calvinismo, pietismo, metodismo e as seitas nascidas do movimento anabatista), vamos nos ater aqui ao Calvinismo, onde esses fundamentos se manifestaram com maior intensidade, se encontrando mais próximo das ideias econômicas do capitalismo através da rigorosa conduta de vida do indivíduo.

A ética protestante calvinista

Um dos principais marcos do Calvinismo e que delineia sua confissão, consiste na ideia da predestinação, que parte da concepção de um Deus insondável e imutável, isto é, de um Deus que não muda a decisão de quem é ou não eleito, dada a ação do indivíduo no mundo.

Desde sempre Deus já definiu quem são os eleitos e quem são os condenados, ainda que a pertença à religião verdadeira seja condição necessária para a inerente salvação e que embora já estejam predestinados, veem que o sinal da bem-aventurança é o sucesso. Sendo assim, cabia ao fiel “se contentar em tomar conhecimento do decreto de Deus e perseverar na confiança em Cristo operada pela verdadeira fé.” (Ibid, p.100)

Segundo Weber, os fieis tinham o dever de se considerarem eleitos e considerar como ação do diabo todo espírito de dúvida que surgisse, pois ao contrário seria reconhecer uma fé insuficiente (Ibid, p.101) e, também, distinguir o trabalho profissional sem descanso como o meio mais saliente para conseguir essa autoconfiança” (Ibid, p.102) de ser um eleito. Aqui encontra-se a chave que abre a porta da vida econômica aos religiosos da ascese intramundana.

Além do dogma da predestinação, no Calvinismo, a individualidade também é um dogma. Não há nada que um possa fazer para salvar o outro, apenas Deus concede a bem-

aventurança que se torna uma caminhada interpretativa para o sujeito. No entanto, isso não faz do calvinista alguém alheio à ação social, pelo contrário, faz deste um instrumento para a glorificação de Deus.

Nas palavras do próprio Weber:

O mundo está destinado a isso: a servir à autoglorificação de Deus; o cristão existe para isso: para fazer crescer no mundo a glória de Deus, cumprindo de sua parte, os mandamentos Dele. Mas Deus quer do cristão uma obra social porque quer que a conformação social da vida se faça conforme seus mandamentos e seja endireitada de forma a corresponder a esse fim. O trabalho social do calvinista no mundo é exclusivamente para aumentar a glória de Deus (Ibid, p.99)

Não existe mais a concepção de que sua salvação depende de outro, da confissão com um padre, de um objeto mágico e entre outras dependências. Com a reforma, há uma transição na dominação eclesiástica sobre a vida do sujeito considerado, para Weber, como quase insuportável. Retira a responsabilidade das mãos de outros sobre a condição de eleito e a transfere para as mãos do próprio indivíduo e, assim, somente a ele cabe a confiança e a ação por meio da vocação.

É o que Weber propõe como “desencantamento do mundo: a eliminação da magia como meio de salvação” (Ibid. p.106), eliminação que não ocorreu na doutrina católica, assim como nas realidades puritanas, mas que foi possível no Calvinismo, pois esta religiosidade não esperava apenas boas obras, mas sim uma santificação através de obras que se construíssem em sistema.

Logo, observando a ética protestante, podemos afirmar que era conduzida por uma condição de ação sobre o mundo, de acordo com a vontade de Deus onde qualquer sinal de perda de tempo seria visto como pecado grave, pois a cada hora perdida é trabalho subtraído ao serviço de Deus.

Weber afirma, portanto, que não é o trabalho em si que era valorizado, mas antes de tudo o trabalho profissional racionalizado, o trabalho fixo, visto como uma ordem divina ao indivíduo a fim de glorificar a Deus.

Assim, quando Weber investiga a presença dos protestantes nas camadas sociais superiores e de maior acesso do capital, se apressa em afirmar que o interesse dos protestantes ascéticos nunca foi o dinheiro em si.

Embora a ética protestante tenha uma forte ligação com o sistema econômico moderno, muito distante eram suas intenções de enriquecimento pelo simples prazer de aproveitar as graças terrenas e delas tirarem proveito e bom gozo. O enriquecimento pode ser

concebido como parte da confissão religiosa que caminhava mais para o sentido da glorificação de Deus do que para o lado do bem-estar pessoal.

Segundo Weber o sucesso profissional e as graças que esses indivíduos recebiam eram a certeza de que eles estavam agradando a Deus. À medida que recebiam o sucesso, seria tomado como grosseria recusá-lo. É o que se afirma na Teologia da Predestinação, pois o sucesso é a confirmação, o sinal da bem-aventurança. O sucesso na ordem econômica passa a significar estar caminhando na direção certa dos desígnios de Deus.

Por esse motivo, a ascese se posiciona contra o gozo descontraído da existência e do que ela tem a oferecer, porém, não vê na riqueza um obstáculo para a aspiração de uma vida santa. Ao contrário, era a possibilidade de reconhecer como indício de que a vivência no mundo ia ao encontro com o que Deus os predestinara.

Desta forma, a ascese intramundana regulamenta a vida do indivíduo, canalizando o ócio, os prazeres carnavais, mas, na mesma medida abre espaço para que o homem de negócio vigore, ganhe lugar e, conseqüentemente, rompa com as ordens tradicionais que limitavam a ambição pelo lucro.

Nesse jogo de dominação da vida cotidiana do indivíduo, a ascese condiciona o enriquecimento, ainda que condenando as formas ostensivas de luxo. É nesse ponto em que a ascese estimula a produção da riqueza privada. Através da

valorização religiosa do trabalho profissional mundano, sem descanso, continuado, sistemático, como o mesmo ascético simplesmente supremo e a um só tempo comprovação o mais segura e visível da regeneração de um ser humano e da autenticidade de sua fé, tinha que ser, no fim das contas, a alavanca mais poderosa que se pode imaginar da expansão dessa concepção de vida que aqui temos chamado de “espírito” do capitalismo. (Ibid, p. 156-7)

O “espírito” do Capitalismo

Buscando compreender o que o autor define como o “espírito” do capitalismo, Weber afirma que existe uma ética social da cultura capitalista e essa ética é caracterizada pela ideia de profissão como dever, de um sentimento de obrigação e de encargo que o indivíduo deve ter em relação à sua atividade profissional. Tal processo de racionalização buscaria condicionar os ideais da ética, fazendo do trabalho uma forma racional ao provimento de bens materiais necessários à humanidade.

Esse “espírito” deveria ser empregado não como uma técnica de vida, mas como uma ética peculiar. O “espírito” do capitalismo estava expresso em um estilo de vida, regido por

normas. Uma definição de conduta de vida que se encontrou arraigada e predisposta na confissão protestante.

De acordo com as ponderações de Weber, o tipo ideal de empresário capitalista não estava relacionado ao que acreditava ser ricos de aparências óbvias. O empresário capitalista ao qual se refere consistia no tipo que “se esquivava à ostentação e à despesa inútil, bem como ao gozo consistente de seu poder, e sente-se antes incomodado com os sinais externos da deferência social de que desfruta” (WEBER, 2004, p.63). Ainda acrescenta que de sua própria riqueza, nada tinha para si “a não ser a irracional sensação de cumprimento do dever profissional” (Ibid, p.63). É notável na conduta de vida que se instaura uma tendência à avareza, mesmo que o indivíduo não se sinta em avareza, e certa repulsa às extrapólicas e às extravagâncias financeiras.

Frente à ordem econômica capitalista, o indivíduo já era inserido em um cosmo que se apresentava como um fato que não poderia ser modificado. Restava, pois, a opção de dominar a realidade, a fim de não ser eliminado por essa sociedade. Desse modo, a dominação da realidade se encontrou no seio da doutrinação protestante.

As modificações na vida dos fiéis protestantes, que os impulsionam para a vida ativa no mundo e na esfera econômica desperta consigo o “espírito” do capitalismo, que outrora não encontrara condições ideais para florescer nas sociedades tradicionais, pois, não é como se em outras sociedades não existissem capitalismo. Ele não só não tinha encontrado recursos que o impulsionassem.

Talvez o mais intrigante é assimilar que a relação que “funcionou” tão bem nunca foi pensada como intencional, como um meio para se chegar a um fim, jamais como uma causalidade.

A doutrina protestante não tinha ganância nas riquezas, na sua forma prática, como uma finalidade, para bem aproveitar a vida, embora não impedisse que seus fiéis encontrassem nela algum alento para conforto salvífico, impulsionando indiretamente seus interesses aquisitivos. Na relação entre o dinheiro e toda conduta religiosa, não era o dinheiro em si que importava, assim como não há ligação intencional entre religião e o desenvolvimento do “espírito” do capitalismo.

Apesar da ascese do protestantismo ter auxiliado a expansão *ethos* do capitalismo, a reforma não é produto do capitalismo, assim como a cultura do capitalismo não depende do protestantismo ascético, pois é autônoma. Não é uma relação de dependência, mas sim de influência onde um não determina a causa do outro. São fenômenos com afinidade eletiva, eventos que aconteceram individualmente, mas que se impulsionaram de forma recíproca.

Como já dito, o estudo d'A ética protestante e o "espírito" do Capitalismo, embora seja voltado para determinado contexto, se complementa com outros escritos de Weber desenvolveria, principalmente por ser uma obra que teve duas edições. Ao nos dedicarmos, por exemplo, aos seus escritos sobre "A psicologia social das religiões mundiais" podemos observar melhor como ele interpreta a afinidade entre classes sociais e crenças religiosas.

Interesses e filiação religiosa

Considerando como religiões mundiais todas que se apresentam como sistemas que são capazes de reunir multidões de crentes à sua volta, Weber propõe que existem cinco éticas que abrangem esse caráter.

Temos então uma análise voltada para o Confucionismo, que se iniciou através de ética estamental dos prebendários, de homens com educação literária, na China antiga; o Hinduísmo, que partiu de uma ética marcada por uma casta de letrados cultos, no Oriente como um todo, particularmente na Índia; o Budismo que tinha sua ética difundida por monges, profundamente contemplativos, nas mesmas regiões; o Islamismo, propagado por guerreiros que desejam conquistar o mundo; o Cristianismo que teve seu início marcado pelos artesões jornaleiros itinerantes; e por fim, Weber acrescenta o Judaísmo, inicialmente uma religião de um povo paria cívico, com a presença de uma camada intelectual pequeno-burguesa. As três últimas se enraizando principalmente na localidade do que hoje se denomina Oriente Médio.

Com base nas religiões mundiais, Weber concebe que existem afinidades, ou seja, condições advindas de certas camadas que, frente aos seus estilos de vida, foram ao longo da história predominantemente decisivas para a condução das religiões. Em cada uma dessas religiões mundiais, portanto, existe uma relação íntima de afinidade entre classes e estamentos, determinada por influências sociais, econômicas e políticas.

Cada uma dessas éticas religiosas tiveram seu início e propagação através de uma determinada classe, seja ela de guerreiros, prebendários ou artesãos. Todas tinham ligações com classes seletas que, por razões históricas e sociais, foram impulsionadas a serem portadoras de crenças religiosas específicas. Essa ligação de classes ou estamentos com religiões particulares se dava pela variação no sentido de promessa e salvação.

Poderia então se pensar que a religião é apenas uma função dessas camadas sociais, mas Weber contrapõe essa perspectiva.

Segundo ele,

Por mais incisivas que as influências sociais, determinadas econômica e politicamente, possam ter sido sobre uma ética religiosa num determinado caso, ela recebe sua marca principalmente das fontes religiosas e, em primeiro lugar, do conteúdo de sua anunciação e promessa. (Weber, 1982, p.312)

Embora existam condições educacionais que direcionem as camadas para éticas religiosas particulares, não significa que essa apropriação se dá apenas em torno de interesses econômicos ou políticos. Existe uma autonomia dos elementos racionais das religiões que falam por si mesmos e, por conseguinte, não subjulgam a religião apenas como a possibilidade de justificar o estamento ou a classe, ou ainda a aquisição de bens materiais.

Há, sem dúvida, uma ligação entre a ética religiosa e as situações de interesse, no entanto, é impreciso pensar que a religião corresponde a um chamado das camadas sociais para se autoafirmarem, pois além das influências sociais, econômicas e políticas, existem também fontes religiosas, elementos racionais que possuem uma autonomia frente a outras condições.

O que mantém as classes ou estamentos ligados a essa ou a outra religiosidade é a capacidade dessas produzirem estímulos psicológicos que dão sentido à vida de cada indivíduo. Porém, embora existam vínculos de afinidade e tensões entre as esferas sociais é importante salientar que elas têm autonomia própria, seguem legalidades próprias e não se submetem umas as outras ou faz uma esfera ser predominante sobre a outra.

Sendo assim, a ética econômica que “refere-se aos impulsos práticos de ação que se encontram nos contextos psicológicos e pragmáticos das religiões” (Ibid, p.309), não pode determinar exclusivamente a religião, processo a ser analisado por ele mesmo n’A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.

Ao longo do tempo, a teoria do ressentimento foi um dos vieses que impulsionou as religiões, assim como o sofrimento, que foi reinterpretado e ao passo que era analisado como negativo e desagradado aos olhos de Deus, logo passou a ser interpretado como algo bom. No cerne da “racionalização” religiosa, o sofrimento transformou-se, ora sendo atribuído como algo bom em si mesmo, ora considerado como maldição e castigo.

Não devemos focar nas religiões apenas como voltadas para o outro mundo. Para Weber nem toda religião mundial reconhece o além como uma garantia desse tipo de promessa. Para Weber, somente o virtuoso religioso, o asceta, o monge, o sufi, o dervixe, batalhavam pelos valores sagrados ligados ao além se comparados aos bens deste.

Segundo Weber, “considerado psicologicamente, o homem em busca de salvação se tem preocupado primordialmente com atitudes ligadas ao aqui e ao agora” (Weber, 1989, p. 321). Como, por exemplo, os protestantes ascéticos que precisam no aqui e agora, justificar os rumos que suas vidas tomam. Ao assumirem os sucessos ou insucessos no âmbito econômico medem os sinais da bem-aventurança. Suas atitudes se encontram focadas nos sinais dados por Deus.

Ademais, existem afinidades eletivas para tipos especiais de religião e essas afinidades são fortemente influenciadas pela necessidade de salvação de cada indivíduo e de como caminha a relação de dignidade da religião.

A adesão à religiosidade específica se fixa na promessa de salvação desta e da necessidade pessoal de cada indivíduo, como o próprio Weber salienta, parte do interesse “de que” e “para que” o homem anseia ser redimido, assim como nas suas necessidades do aqui agora, seja para ser salvo e alcançar o reino messiânico, salvo das impurezas do mundo e do mal radical, entre outras variedades de necessidade.

Assim, como foi observado, os valores sagrados não podem ser alcançados por todos, dado que existem interpretações e apreensões de sentidos que não são despertados em todas as pessoas e é por isso que existem afinidades eletivas. Interesses e uma rede de sentidos que se abrem para alguns sujeitos e não para outros. Diz Weber:

Os valores sagrados mais estimados, a capacidade extática e visionária dos xamãs, feiticeiros, ascetas, espiritualistas de todos os tipos, não podiam ser alcançadas por todos. A posse dessas faculdades é um “carisma”, que, na verdade, poderia ser despertado em algumas pessoas, mas não em todas. Segue-se disso que toda religiosidade intensiva tem uma tendência para uma espécie de estratificação de estamentos, de acordo com suas qualificações carismáticas. (Ibid. p. 331)

A afinidade nem sempre parte do princípio da promessa do além, mas também consiste em algumas religiões primitivas, nos bens sólidos deste mundo. E que psicologicamente, o homem que está em busca da salvação (seja pela concepção do renascimento ou pela da redenção), se preocupa primeiramente com o aqui e o agora. Ou seja, a salvação consiste em antes encontrar os meios de agir no mundo ou fugir dele.

Há lógicas psicológicas que movem as religiões mundiais e, embora movimentem a ética econômica, ou seja, relacionem-se em algum momento com o racionalismo econômico, não devem ser pautadas nele apenas, dada a sua autonomia. Existe em torno das religiões uma

rede de significados que atraem para si grupos que desenvolvem psicologicamente o mesmo sentido e interpretação encontrada na religião à qual se torna parte.

Como já mencionado, são sentidos que alcançam a uns, mas não a todos, pois, aos que alcançam, o fazem de acordo com os interesses, pela situação de classe ou de estamento, através de interesses materiais e ideais. Nas palavras do próprio Weber

Não as ideias, mas os interesses materiais e ideais determinam a vida dos homens. Muito frequentemente, as “imagens de mundos” criadas pelas “ideias” determinaram, feito manobristas de linhas de trem, os trilhos pelos quais a ação se vê empurrada pela dinâmica dos interesses. “DE QUE” e “PARA QUE” o homem desejava ser redimido e, não nos esqueçamos, “podia” ser redimido, dependia da imagem que ele tinha do mundo (WEBER, 1982, p.323, maiúsculas nossas)

O sentido de uma religiosidade se encontra, para os camponeses, por exemplo, na honra de participar de tal, e caminha, pois, na direção de escapar de um destino menos favorecido frente as camadas sociais, uma vez que a religiosidade é parte do intelectualismo das camadas privilegiadas. Ou seja, a necessidade de salvação de um camponês não está ligada ao além, mas sim em necessidades reais, presentes, no aqui, neste mundo que os condicionam.

Esse camponês que pouco tem de ética racional, se encontra muito afirmado no tradicionalismo e, quase nunca pertence à camada portadora de uma religiosidade não-mágica, se comparado à religiosidade da Índia. Além disso, o tipo de camponês, considerado como piedoso e grato a Deus é um fenômeno puramente moderno, não encontrado na antiguidade.

As predisposições do camponês frente a uma religiosidade são apenas um dos muitos exemplos que Weber utiliza para explicar cada religiosidade que advém de condições históricas muito particulares. Particularidades essas que são determinadas por casta, estamento e classe, além da intenção de revelar que as religiões ultrapassam os limites de interesses econômicos, adentrando esfera social e de prestígio.

Weber investiga várias éticas religiosas e quais foram os impulsos iniciais que levaram a se propagar de forma mais intensa por camadas específicas. Quando ele investiga o protestantismo ascético, encontra os fieis dessa religiosidade particular presentes numa classe média burguesa, protagonizando na economia moderna através da origem paterna e educacional. Mas não era o interesse econômico que era valorizado e sim a necessidade de através do trabalho duro e da profissão, encontrar o agrado e engrandecimento de Deus. A necessidade do protestante se encontra na condição de se afirmar como eleito através do trabalho digno. O olhar desse estava voltado para as necessidades salvíficas no pós vida, na condição de se afirmar como eleito.

Sendo assim, em todas religiosidades, existem características que definem as necessidades consideradas essenciais para a doutrina em questão e também como determinadas classes, estamentos e religiões encaram a ação neste mundo ou na “esperança” no além.

A nobreza guerreira, por exemplo, se ofendia com o sentimento de dignidade como todas as outras camadas nobres politicamente dominantes. Morrer e enfrentar as irracionalidades do destino humano deveria ser considerado um ato cotidiano, então, para essa nobreza não se devia aceitar outras coisas das religiões que não a proteção contra feitiçarias, o que, no caso, era tido como adequado aos sentimentos estamentais, ou seja, correspondia ao sentimento de pertença daquela camada. O sentido que se encontrava nessas religiões não estava pautado nos conceitos de pecado, redenção e humildade, uma vez que não iam ao encontro com os sentimentos de dignidade da convenção estamental. (WEBER, 2000)

Isso quer dizer que os sentidos variam de acordo com as camadas e de acordo com as propostas de cada religião, assim como a promessa de salvação que é variável de acordo com estamentos e classes e flui de acordo com a necessidade e interpretação de cada camada, interpretação essa que sempre é uma apropriação seletiva, correspondendo às expectativas do conjunto social em questão.

A promessa de salvação que para uns pode ter sentido na ação transformadora no mundo, como a ascese intramundana, pode se opor ao que uma religião propõe ao conceber sentido na fuga no mundo. Podemos observar o caso citado pelo autor sobre a religiosidade islâmica que encontra sua promessa de salvação como recompensa pela morte na guerra santa.

A promessa de salvação pode ser variável de tal forma que para camadas mais privilegiadas pode incidir na justificativa de se tornarem merecedores dos bens terrestres, ao sucesso alcançado, terem recebido a graça de Deus, como é o caso da camada burguesa que aderiram o protestantismo ascético. No entanto, para as classes menos favorecidas, a promessa de salvação pode estar relacionada com a esperança de um além onde se tornem recompensados por todo sofrimento vivido, já que aqui não tem mais solução.

Diz Weber

Sendo iguais as demais circunstâncias, camadas positivamente privilegiadas dos pontos de vista social e econômico dificilmente sentem por si a necessidade de salvação. Antes passam à religião em primeiro lugar, o papel de “legitimar” seu modo de vive e a situação em que vivem. (WEBER, 2000, p.335)

Existe uma necessidade de os positivamente privilegiados legitimarem o modo pelo qual vivem, ou seja, uma necessidade de se sentirem dignos de terem o que tem em vista dos menos favorecidos; é isso que as camadas favorecidas mais privilegiadas esperam da religião, segundo Weber. Esperam encontrar sentidos para condução de vida que se encontra mais voltada para o aqui e o agora, ao que se pode esperar da religião enquanto capaz de aliviar e afirmar as interpretações que fazem do mundo.

Ainda segundo Weber, “que a um homem feliz, com relação ao menos feliz, não lhe baste o simples fato de sua felicidade, mas que, ainda queira o “direito” a ela, tenha consciência de a “ter merecido” em oposição ao menos infeliz.” (Ibid, p.335) Desta forma, às camadas positivamente privilegiadas não basta apenas alcançar a felicidade, mas dar razão e sentido a essa felicidade, ressaltando nesta, o mérito de tê-la.

Para Weber, historicamente, as camadas negativamente privilegiadas do ponto de vista econômico nunca foram portadoras de uma religiosidade específica, uma vez que as concepções racionais são menos acessíveis às camadas inferiores.

Tem-se em vista também que as religiões das massas possuem vínculos com a ideia de um salvador, seja ele de ordem humana ou divina, na medida em que se resulta na adaptação inevitável do intelectualismo para as massas.

Até mesmo a salvação por meio do sofrimento encontra-se mutável de acordo com as camadas. Em determinada religiosidade, na judaica, por exemplo, o sofrimento pode ser entendido como meio de fortes esperanças de retribuição, sujeitado na condição de que se o sofrimento terreno tem sido muito, ganhará em retribuição no além. Logo, todo sofrimento será recompensado, fazendo do sofrimento algo valioso em si mesmo.

Observa-se que esse sentimento de salvação por sofrimento é em condições muito determinadas, pois para os hindus e budistas o sofrimento é tido como algo pessoalmente merecido quando provavelmente houve desobediência a Deus e a seus mandamentos. Assim, Deus lança sobre estes a sua cólera, fazendo do sofrimento um meio de vingar-se pelas más escolhas.

Diz Weber:

Em grau extremamente amplo, o destino das religiões foi condicionado pelos diferentes caminhos que o intelectualismo tomou nesse processo e pelas relações diversas desde com o sacerdócio e os poderes políticos, e essas circunstâncias, por sua vez, foram condicionadas pela proveniência da camada que, em grau específico, era portadora do intelectualismo. (Ibid, p.340)

O intelectualismo é então o fator que condiciona as religiões. E o destino das religiões é fruto dos diferentes rumos que o intelectualismo tomou, relacionando-se com o sacerdócio e com os poderes políticos.

É importante ressaltar que esse intelectualismo se dá através das camadas positivamente privilegiadas e, desta forma, leva os indivíduos a serem portadores de uma religiosidade. Podemos ponderar, através das elucidações de Weber, que esse intelectualismo é firmado através constituições escolares apropriadas pelas camadas e, por conseguinte, disseminadas por elas mesmas, construindo ou elaborando novas interpretações filosóficas.

Todas as camadas que produzem o intelectualismo são camadas de privilégio destacado, o que não impede que este chegue às classes negativamente privilegiadas, mesmo que para chegar até elas as condições sejam modificadas e o sentido, transformado. Nas palavras do próprio Weber:

Quando a religiosidade em questão se torna religião de massas, a proveniência intelectualista de uma doutrina de salvação, bem como a de uma ética, tem quase sempre a consequência de que, dentro de uma religiosidade oficial, popularizada, modificada em sentido mágico-soteriológico e adaptada às necessidades dos não-intelectuais, nasce ou uma doutrina esotérica ou, pelo menos uma ética estamental para atender às necessidades dos intelectualmente formados. (Ibid, p.343)

Retornando à variações das promessas e das éticas religiosas, percebe-se que o sentido ético é encontrado nos estamentos de acordo com a valorização da honra frente à uma comunidade, diferentemente das classes que estão relacionados aos bens comuns, à posses de propriedades de outras pessoas da classe.

É neste ponto que podemos perceber que o que Weber propõe como equívoco apontar como a religião existindo apenas como forma de justificação da ética econômica das camadas sociais, assim como ele revela o equívoco em pensar o “espírito” do capitalismo como causa da burguesia ser propagadora da ética protestante ou vice-versa.

Dizer que as religiões tenham início e propagação nas camadas positivamente privilegiadas, nem sempre significa dizer que são frutos apenas de camadas com *status*, como encontrados nas classes, mas também por significados que atravessam os estamentos e que dão sentido a estes.

Podemos afirmar então, que o que é importante para determinada camada nem sempre se aplica a outra. Os valores mudam de acordo com cada estamento ou classe. As necessidades também. Ser portador de uma religiosidade significa adentrar nos sentidos compreendidos e interpretados por profetas ou pela camada que retém o poder intelectual

dentro da estruturação social. Logo, os princípios de salvação que se aplicam a determinada camada, não podem ser admitidos em outra, pois não são os mesmos.

Inverso à essa posição dos positivamente privilegiados, os negativamente privilegiados encontram suas necessidades específicas na salvação do sofrimento e nem sempre sentem a necessidade de salvação em forma religiosa ou quando o fazem estão mais relacionados ao que se pode esperar de um além. Internalizam o sofrimento como se fossem merecedores dele ou como meio de acreditar que no pós morte encontrariam a recompensa.

Vale ressaltar que para Weber, historicamente, as camadas negativamente privilegiadas do ponto de vista econômico nunca foram portadoras de uma religiosidade específica, uma vez que as concepções racionais são menos acessíveis às camadas inferiores. Assumindo também que as massas possuem vínculos com a ideia de um salvador, seja ele de ordem humana ou divina, na medida em que se resulta na adaptação inevitável do intelectualismo para as massas.

Os negativamente privilegiados

Hoje, no Brasil, há grande expansão das Igrejas neopentecostais, tão amplamente ramificada, que dificulta o conhecimento de todas e precisaria de uma investigação muito mais profunda do que esta. No entanto, vamos utilizar aqui a história de Carlos, que teve sua vida narrada nas páginas de a Ralé Brasileira. (SOUZA et al, 2009)

Carlos, apresentado por Emerson Rocha e Roberto Torres, é um fiel que teve sua vida transformada ao se converter a Deus, através da Igreja Universal Reino de Deus (IURD). Pobre, encontrando diversas dificuldades durante toda sua trajetória, espera poder mudar sua condição. Passando por situações difíceis desde a infância e mais tardar se deparar com a prisão, os vícios da droga e doenças, Carlos encontra na conversão mágica da IURD, as ferramentas para mudar a si mesmo.

Como mencionado, os negativamente privilegiados, para Weber, em sua maioria, não esperavam encontrar, nesse mundo, alívio para seu sofrimento. Quando se trata de promessas de salvação, encontram-se com mais expectativa no pós-vida do que no presente. Isso parte da ideia de que para Weber, a situação dessas camadas é mais fatalista. Não há solução no aqui e no agora, mas a recompensa seria dada na outra vida.

Quando observamos a história de Carlos, podemos perceber que essa concepção muda. Carlos não olha para sua condição de pobreza como um estado permanente, mas encontra no seio da IURD a esperança, os meios para conseguir acreditar que pode ter sua ascensão social,

mesmo encontrando dificuldades para tal. A esperança de alívio do sofrimento encontrado por Carlos se firma em um futuro breve e não distante ou no além como em outras religiões.

Além do mais, ele precisa acreditar que o insucesso está ligado ao mau, aos encostos e encontra nisso a esperança de que, ao se ver livre desses encostos, encontrará o sucesso. Assim como nas religiões investigadas por Weber, a adesão à IURD está estritamente relacionada à necessidade salvífica dele. Na necessidade de abandonar os seus demônios e na esperança de recomeçar uma vida. Os autores afirmam que a IURD “surge exatamente para aliviar o sofrimento típico do fracasso em sociedades modernas” (ROCHA;TORRES, 2009, p. 232).

A IURD oferece a Carlos a ferramenta de conhecer seu próprio “eu” e passa a ofertar uma interpretação para suas escolhas. Vendo como fonte de fracasso a insegurança e a ansiedade, Carlos encontra na conversão mágica meios que retiram a culpa pessoal e a transfere para forças exteriores a ele, ou seja, o que há de incontrolável nele é transmitido para bodes expiatórios, influências de encostos e ao próprio diabo, o que contraria a tendência histórica de desencantamento do mundo e racionalização apontada por Weber.

Ocorre, no Brasil contemporâneo, uma inversão de sentido, se observarmos a vida de Carlos e a sua conduta de vida, em relação aos negativamente privilegiados apresentados por Weber. As manifestações religiosas se transformam assim como a necessidade de Carlos, e talvez de outros, de gerar soluções para o presente e a IURD fornece essa possibilidade.

Ao observar a ação da IURD e sua proposta de acabar com o sofrimento que é relacionado aos encostos e sentimentos como inveja, mau olhado dos vizinhos, entre outros, percebemos que nesse caso, o conceito de Weber não é mais capaz de explicar, quando se trata da concepção do desencantamento do mundo proposta por ele e, principalmente, pela concepção fatalista do destino dos negativamente privilegiados.

O protestante apontado por Weber não busca mais a salvação em objetos mágicos ou justificativa para os acontecimentos na magia, elimina-se esse caráter. Já a ação da IURD consiste em provocar em Carlos e nos demais fieis esse caráter de relacionar os insucessos e os sofrimentos a seres exteriores a eles e oferecer também atrás da magia meios para a conversão e salvação e a esperança de que num futuro próximo.

Considerações Finais

Compreender a profundidade da teoria de Weber é um desafio, tendo em conta que seus escritos são amplos e os caminhos vão se ramificando. Entretanto, em linhas gerais, observa-se que para Weber as religiões são capazes de atrair os indivíduos através da sua

anunciação e promessa de salvação e, por sua vez, os indivíduos tendem a ser predispostos para determinada anunciação de acordo com os seus interesses e interpretações, que buscam com base nas situações em que vivem, com o objetivo de encontrar sentidos para estas.

Historicamente, as religiões que Weber considerou com religiões mundiais tiveram seu início e propagação em classes, camadas ou estamentos específicos, porém isso não quer dizer que essas religiões ficavam restritas apenas àquele fragmento, embora houvesse certa tendência e predisposição a permanecer assim. Isso se relaciona com o que o Weber conceitua como tipo ideal e que leva a uma probabilidade maior de filiação por certos indivíduos do que outros.

Quando se trata da relação entre a ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo, percebe-se que a grande estatística de protestantes ocupando cargos superiores e técnicos, dada a sua educação e herança paternal; encontramos também um tipo ideal que se opunha ao esperado empresário capitalista que está interessado ao lucro apenas. Encontra-se um tipo que não encontra prazer no lucro, mas sim na realização profissional que, por vez, resultaria na glorificação de Deus.

Vale lembrar que quando tratamos de filiação religiosa e conduta econômica, não devemos subjugar uma esfera a outra, pois elas são autônomas e seguem suas próprias regularidades. Uma não determina a outra, embora haja um direcionamento de interesses e afinidades e tensões.

O estudo d'A ética protestante e o “espírito” do Capitalismo inaugura os estudos de ver sobre religiões, focando nas religiões da Índia e da China, bom como do Judaísmo antigo. Portanto, “A ética” é o marco inicial da investigação da Sociologia da Religião de Weber, em que ele procuraria desvendar os portadores dessas religiões, os caminhos de racionalização das ideias religiosas e a influência destas sobre os indivíduos e no modo como estes deveriam se conduzir na vida, seja através de uma condução voltada na adaptação, na fuga, na rejeição ou na negação do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ROCHA, Emerson & TORRES, Roberto. O Crente e o Delinquente. In: SOUZA, Jessé. *A Ralé Brasileira. Quem é e como vive*. Belo Horizonte. Editora UFMG 2009.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*: tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

_____. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*/Max Weber; trad. De Regis Barbosa e Karen Elsabe Braborsa, 3º Edc – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

_____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.